



PARA UMA ANTROPOLOGIA DA QUIMIOTERAPIA: UM ESTUDO SOBRE MULHERES E FEMINILIDADES EM AMBIENTES DE TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO

Leidiana Ximenes de Araújo¹, Rafael Antunes Almeida²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB, Fortaleza/Redenção - Ceará. Bacharela em Ciências Sociais pela (UVA) Sobral - Ceará. E-mail: leidiana277@gmail.com; ²Professor PPGA -UFC/UNILAB, Fortaleza/Redenção - Ceará. Doutor em Antropologia pela UNB - Distrito Federal. E-mail: almeida.rafaelantunes@gmail.com

Resumo: Este artigo constitui uma pesquisa realizada com jovens mulheres que passaram pelos processos de diagnóstico e tratamento do câncer. Ao longo do trabalho, anseio buscar e compreender os sentidos atribuídos durante a trajetória terapêutica. Com essa apresentação, procurarei descrever por meio de uma abordagem etnográfica o processo de diagnóstico e tratamento, identificando assim como as pacientes reorganizaram suas emoções, expectativas de vida e relacionamentos diante do convívio com a doença, bem como suas interpretações acerca do corpo e da feminilidade. Em uma análise mais aprofundada, procuro abranger como o processo de tratamento impactou nas experiências corporais e visões de mundo das pacientes, de modo que as fizeram recomeçar e/ou mudar a direção de suas vidas.

Palavras-chave: Câncer, Corpo, Doença, Tratamento, Feminilidade.

Introdução

Segundo a Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia (ABRALE), “quimioterapia” é um conjunto de vários medicamentos extremamente potentes utilizados contra o câncer e que, ao se misturarem com o sangue, são levados para todas as partes do corpo com o objetivo de destruir, controlar ou inibir o crescimento das células doentes. O Instituto Oncoguia^a, informa que os efeitos colaterais mais comuns provocados pela quimioterapia dependem do paciente, dos medicamentos utilizados, da dose administrada e do tempo de uso, podendo incluir: fadiga, perda de cabelo, hematomas e hemorragias, infecções, anemia, náuseas, vômitos e alguns outros^b.

Nesta pesquisa, analiso as interlocutoras: Leticia Norata (20 anos), Laura de (22 anos), Pâmela (28 anos), Carinne (28 anos) e Patrícia (40 anos). As

idades dispostas ao lado dos seus nomes são referentes à época em que receberam o diagnóstico de câncer, no ano de 2014. Atualmente estão todas curadas.

A partir da interlocução com estas jovens mulheres, descrevo a intrigante questão envolvendo quimioterapia e como ela afeta a relação com feminilidade e beleza. Ao longo da pesquisa elas expuseram suas interpretações e suas construções culturais da feminilidade especialmente após o diagnóstico/ tratamento e como se posicionam frente à mudança corporal, baseada nas noções de construção de gênero, sexo e emoções.

Material e Método

Leticia Norata Ferreira, natural de Gama, cidade localizada no Distrito Federal foi diagnosticada com vinte anos de idade com um Linfoma de Hodgkin

^a ONG Instituto ONCOGUIA, criada em 2009. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/efeitos-colaterais-da-quimioterapia/3706/593/>> Acesso em: 27 de setembro 2019.

^b Perda de apetite, diarreia ou constipação, inflamações na boca, problemas de deglutição, problemas neurológicos e musculares (como dormência, formigamento e dor),

alterações da pele e unhas, problemas renais, perda de peso, problemas de concentração, alterações no humor, na libido e até infertilidade.



esclerose nodular estágio IxB^c. Laura Andrade Pocceschi, natural de Brasília - DF, foi diagnosticada aos vinte e dois anos de idade, em 2014, com Linfoma não Hodgkin difuso de grandes células B^d em último estágio. Pâmela Barbosa Camilo, natural de São Paulo - SP foi diagnosticada aos vinte e oito anos, com Câncer de mama triplo-negativo^e. Carinne Francisca Campos Justino, natural de Fortaleza - CE foi diagnosticada aos vinte e oito anos com o diagnóstico de um Carcinoma Ductal infiltrante^f na mama. Patrícia Gomes Figueiredo é natural do Rio de Janeiro - RJ, foi diagnosticada aos quarenta anos de idade, em junho do ano de 2014. Seu diagnóstico foi de câncer de mama.

Foi utilizado o método etnográfico, que apresenta uma descrição “da vida como ela é de fato vivida e experienciada pelas pessoas em dado lugar e em dado período”¹. A Metodologia de abordagem qualitativa² e entrevistas semiestruturadas³, como técnicas de pesquisa. A partir do consentimento do grupo foi desenvolvido essa pesquisa, compartilhando sobre etnografia “multissituada”⁴, em que é possível seguir etnograficamente a circulação dos atores, objetos e seus discursos.

Utilizamos a etnografia on-line como ferramenta, partilhando dos princípios de Christine Hine em entrevista com Campanella⁵ na qual ela expõe e inclui o conceito de: “Esses métodos não são afinal, alheios à tradição da etnografia, que tem com frequência mesclado um rico e evocativo relato a um mapa ou um diagrama para colocar a narrativa em um contexto”⁶. As participantes desta pesquisa moram em cidades/ Estados diferentes, portanto, adotei como estratégia e método específico: entrevistas on-line via WhatsApp.

Estas pacientes, após o tratamento, passaram a ter de lidar com uma série de questões, como, pressão social da contemporaneidade sobre o corpo e imagem das mulheres está presente e é perceptível nos discursos das interlocutoras. Uma das preocupações em suas narrativas não era somente o medo da morte, mas, sobretudo, do medo e do enfrentamento diante da aparência que o tratamento ‘em tese’ deixaria no corpo. O modo como vivenciamos o corpo sempre será mediado pelas maneiras de pensar, culturalmente e historicamente construídas⁷.

A palavra “padrão” e o que ela significa, causa um grande incômodo. Como pesquisadora, um dos elementos que emergiu durante as entrevistas foi o desconforto que essa busca pelo padrão causa, sobretudo, em mulheres que estão passando pelo câncer e pelos tratamentos. Assim, sair careca devido a quimioterapia em público tornou-se um momento tenso, não por elas, mas pela certeza de que iriam ouvir comentários, receber perguntas e sentir olhares dirigidos aos seus corpos.

^c Câncer que se origina nos linfonodos (gânglios) do sistema linfático, um conjunto formado por órgãos e tecidos que produzem as células responsáveis pela imunidade e por vasos que conduzem essas células por todo o corpo. Estágio I: o câncer está limitado a um linfonodo ou órgão específico. O médico utiliza também as letras A e B para indicar se o paciente tem sintomas do linfoma de Hodgkin ou não, B o caso de Letícia, indica que ela teve sinais de febre persistente, perda de peso não intencional e suores noturnos. Disponível em: <<http://minhavida.com.br>>. Acesso em 03 dez. 2019).

^d Este tipo de Linfoma geralmente começa como uma massa de crescimento rápido em órgãos, como intestinos, ossos, cérebro, medula espinhal, ou em um linfonodo.

^e O câncer é identificado na análise imuno-histoquímica é o que dá origem ao nome: caso seja identificada a ausência dos três receptores que classificam câncer de mama (HER2; estrogênio e progesterona) na célula examinada trata-se de um câncer de mama triplo-negativo.

^f Câncer que começa no duto mamário, mas se desenvolve no tecido normal adjacente dentro da mama. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/conteudo-de-um-laudo-de-patologia-de-cancer-de-mama/6295/806/>>. Acesso em 06 de Dezembro. 2019).



Resultados e Discussão

A vaidade feminina influencia o consumo compulsivo de cosméticos, trazendo como resultado, grande aquisição dos produtos de beleza, motivado pelo valor simbólico que enfatiza o conceito de vaidade. Mesmo que as interlocutoras se arrumassem elas evitavam circular normalmente e fazer atividades diárias que pudessem gerar comentários e julgamentos sobre aparência, elas preferiam se abster dos locais públicos, não por não se sentirem bem consigo mesmas, mas por não se sentirem dentro dos padrões⁸.

As emoções são consideradas uma qualidade essencial dos humanos, funcionando como um núcleo que se mantém relativamente intacto, mesmo com a intervenção da sociedade, entretanto, afirmam também que na visão da etnopsicologia, as emoções possuem uma dimensão psicobiológica e, dessa forma, pode admitir-se que a sociedade influencia na maneira de expressar os sentimentos⁷. Pacientes em tratamento contra o câncer passam por situações em que seus corpos ficam expostos às mudanças físicas e emocionais.

Temos toda uma história social da medicalização e do controle do corpo feminino no Ocidente. Esses trabalhos nos mostram como o corpo da mulher foi (e é) construído dentro de discursos médico-morais que circunscrevem a mulher dentro de uma 'natureza feminina' através dos 'aspectos biológicos'⁹.

As mulheres que passaram por todas as modificações corporais decorrentes do câncer e, acima de tudo, de seus tratamentos, precisam lidar com emoções causadas pelas mudanças em seus

corpos e, em especial, pela forma que a sociedade contemporânea às julgam e as enxergam. Além disso, levando em consideração a dimensão psicobiológica, o corpo em determinado contexto, provoca distintos sentimentos, assim, afetando o sujeito.

Letícia Norata sofreu por ver seu cabelo cair e desenvolveu certo grau de baixa autoestima, por não se sentir integrada à imagem comumente criada e relacionada às jovens de sua idade. Entretanto, após o câncer, ela vê o mundo de outra forma, porque encarou tudo como uma segunda chance para ser e viver melhor. Depois de tudo, passou a sustentar um discurso de que 'se coloca no lugar do outro, consegue avaliar o que é bom e o que não é, e além disso, afirma valorizar a vida e as oportunidades que surgem em seu caminho.

Laura Pocceschi, descreveu que a quimioterapia, a deixava enjoada e com o mal-estar, sobretudo pelo ganho de peso em decorrência dos corticoides. Afirmou que a vaidade sempre fez parte da sua personalidade e que o fato de perder os cabelos e as mudanças em seu corpo lhe afetaram, mas, conseguiu reorganizar suas emoções e lidar com todas as transformações, dando um (re)significado para o câncer, pois depois de vencê-lo, afirma que todos esses processos foram uma chance para a construção de uma vida melhor.

Pâmela Camilo sofreu com um tumor bastante agressivo, enfrentou uma cirurgia onde sua mama foi retirada, a cirurgia modificou uma parte do seu corpo, a quimioterapia a fez sofrer dores, mas ela disse que não conhecia os seus limites até passar pelos processos que o câncer a fez atravessar. Pâmela



descobriu o quanto ama estar consigo mesma e o quanto também é importante se colocar em primeiro lugar, antes de tentar agradar a todos.

Carinne Justino foi para o tratamento quimioterápico, seguido da radioterapia e, por último, a cirurgia. Certamente, o sofrimento faz parte dos caminhos que precisam ser atravessados até chegar à cura. Ela deixou claro que suas percepções emocionais afloraram neste período de batalha contra a doença, dessa maneira, conseguiu amadurecer e fortalecer sua mente encarando a doença e os tratamentos da forma mais leve possível, assim, todos os seus medos e suas dores fizeram-na renascer e se reconhecer como uma nova mulher. Patrícia Figueiredo passou por uma cirurgia de retirada da mama e depois foi feito um esvaziamento axilar, com reconstrução imediata. Passou por quimioterapia e radioterapia. Quando recebeu o diagnóstico, contou que sua primeira reação foi uma sensação de fracasso. Depois de dar início ao seu processo de autoconhecimento suas redes sociais contam sempre com muito humor em seu lema que diz: “é possível viver o câncer com leveza”.

Considerações Finais

A luta pela liberdade das amarras sociais vivenciada pelas mulheres brasileiras pode ser compreendida a partir da análise desse pequeno grupo e de como certos comportamentos são construções que precisam passar por uma mudança urgente, uma vez, que estas mulheres para além do câncer precisaram também enfrentar uma sociedade patriarcal e machista cheia de padrões que não

cabem no corpo adoecido e em tratamento que passam por modificações decorrentes da busca pela continuidade da vida. As interlocutoras passaram por diversos processos dolorosos, tanto físicos quanto emocionais, em todos os casos é possível perceber o quanto suas visões de vida mudaram, sobretudo, como o câncer as mudou. O simbolismo negativo inicial sobre a doença foi apagado, ao passo que elas viveram o câncer e ressignificaram ele em seus corpos e em suas vidas.

Letícia, Laura, Pâmela, Carinne e Patrícia em suas narrativas construíram suas (re)significações acerca do câncer e do papel que ele tivera e ainda tem em suas vidas, além disso, mostrando-se resilientes em diversas situações, que antes as incomodavam. O câncer apareceu como um divisor de águas ou como um ponto de partida, certamente para elas foi uma chance de recomeço, pois por meio dele, suas vidas tomaram novos e distintos caminhos, os quais poderiam não existir, se não fosse a presença das situações impostas para que elas obtivessem a superação da doença e o reconhecimento dela, como uma admirável etapa de suas histórias.

Referências

1. Ingold T, Almeida R. Antropologia versus etnografia. *Cadernos de Campo*. 2018; 26(1):222-228.
2. Becker H. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. HUCITEC. 1993.
3. Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 2002; 64-89.
4. Marcus G. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*. 1995; 24(95-117).



5. Campanella B. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista com Crhistine Hine. São Paulo: MATRIZES. 2015; 9(2):167-73.
6. Hine C. Ethnography for the Internet. Embedded, Embodied and Everyday. Internet Copyright Bloomsbury Publishing, Huntingdon, GBR. 2015.
7. Rezende CB, Coelho MC. Antropologia das Emoções. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2010.
8. Kunkel C, Visentini MS, Casalinho GD'AO. Estudo da Vaidade Feminina e sua Influência no Consumo Compulsivo de Cosméticos. RARA - Rev Administração e Negócios da Amazônia. 2017; 9:33-58.
9. Aureliano WA. "... e Deus criou a mulher": reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama. Florianópolis: Rev Estudos Feministas. 2009; 17:49-70.